

Editorial Revista 30

O conceito de território pode assumir múltiplas dimensões e sentidos e, na proposta deste Dossiê Temático, procuramos pensar a palavra território em sua complexidade, no que tange aos diversos espaços e contextos educativos e culturais. Os territórios assumem infinitas composições de diálogos que podem gerar novas relações entre tudo o que dá corpo à vida social. Para o filósofo Gilles Deleuze, o território é uma propriedade do animal e sair do território é se aventurar. Não há saída de um território, ou seja, desterritorialização, sem que haja um esforço para se reterritorializar em outra parte. Para o filósofo francês, o território é pensado como uma condição provisória, pois “o território só vale em relação a um movimento através do qual dele se sai” e, portanto, consideramos essa *geofilosofia* instituinte.

Para o geógrafo brasileiro Milton Santos, o território não é organizado e não está restrito, existe uma dimensão política que não está dada, pois o uso e apropriação do território se dá por uma multiplicidade de agentes nas tramas que englobam as relações de poder, econômicas e simbólicas. Entendemos, então, que o território é formado por superfícies rugosas e por redes cujas linhas se entrecruzam reconfigurando estruturas políticas e culturais. Nesse contexto, não temos um território em si como categoria dada, mas sim o território vivido, usado, sinônimo de espaço geográfico que, por sua vez, é composto por uma dialética permanente entre o espaço físico natural – o meio ecológico – e o espaço físico humanizado – o meio construído. Também o geógrafo brasileiro nos oferece uma possibilidade de pensar o caráter instituinte do território.

Para as editoras desse periódico, a palavra território remete aos processos de emancipação e participação coletiva, considerando múltiplas outras lógicas que potencializam subjetividades que não se sujeitam aos mecanismos de um poder opressivo, posto que criam linhas de fuga para a produção de espaços que superam as fronteiras, revelando novos transcursores para nossas histórias, recriando novas possibilidades para que a vida possa pulsar em intensidades que provoquem efeitos para além de um lugar comum. Eis algumas reflexões que nos levaram a escolhemos como tema desse Dossiê **TERRITÓRIOS E DESTERRITORIALIZAÇÕES: DEMOCRACIA, EDUCAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL EM TRAMAS PROVOCATIVAS.**

Convidamos para abrir esse número a professora Regene Westphal. Ela nos brindou com o texto **MELANCOLIA**, baseado em suas reflexões sobre a obra cinematográfica de mesmo nome. Estimulada pelo deslocamento do planeta Melacolia em direção à Terra, expressa que a narrativa fílmica revela uma visão pessimista em relação à sociedade. Mas, seu olhar desterritorializa-se e desloca o pessimismo e a melancolia, sintomas do mal-estar do nosso tempo, buscando outras possibilidades de ver. Para a autora, o filme nos convida a pensar a função da educação. Para ela, “temos hoje o desafio de educar para a lucidez, evitando a arrogância de acharmos que a vida está dada como verdade pronta e acabada”.

No Dossiê Temático contamos com seis artigos instigadores e que dialogam com o momento atual de luta pela defesa de uma educação democrática. A reflexão proposta no texto **AS ESCOLAS DEMOCRÁTICAS COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO OUTRA** revela as “possibilidades de construção de uma educação outra, para além das escolas seriadas de massa” a partir da conceituação, características e história das Escolas



Democráticas. O texto **NOMADISMO E EDUCAÇÃO**, por meio de uma escrita rizomática, discute a obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, deslocando alguns dos conceitos movimentados na obra para o campo educacional, em ressonância com o pensamento deleuziano, “*no sentido de pensar o professor como um nômade, que faz do movimento em sala de aula um ato de resistência, uma verdadeira máquina de guerra, para não se deixar fixar no confortável território estriado do Estado*”, como afirmam os autores. Os movimentos de luta pela educação estão expressos também no artigo **MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO ESTUDANTIL SECUNDARISTA: NARRATIVAS VISUAIS/AUDIOVISUAIS TECIDAS EM PÁGINAS DO FACEBOOK** em que os ambientes físicos das escolas e os virtuais, como o Facebook, foram apropriados pelos alunos das escolas ocupadas em todo Brasil, a partir do final de 2015, como territórios que demarcam simbolicamente suas lutas, como afirma a autora, fazendo *deste espaço ‘moradias’ provisórias com o objetivo de demonstrar para a sociedade e o poder público que aquele espaço lhes ‘pertence’*. Por meio dessas conexões, os alunos tecem emaranhados e criam laços com outros sujeitos, de dentro e de fora das escolas, visualizando e comentando as informações que se imbricavam na rede.

O artigo **NO CAMINHO DOS OSSOS: A ESCOLA DESENTERRANDO-SE** apresenta personagens e contextos que demarcam importantes limites territoriais que extrapolam o espaço geográfico e denotam o espaço social, o espaço do ser, o espaço da (im?)possibilidade de vir a ser – o espaço do *ser mais* nas tramas que envolvem os processos de alfabetização e de leitura de mundo. A força dos encontros e das conexões está presente no artigo **TERRITÓRIOS DE MILITÂNCIAS E PRODUÇÕES DE SUBJETIVIDADES ANDARILHAS NA AMÉRICA LATINA**, que problematiza a militância por meio de encontros com movimentos na América Latina pela legalização da maconha, do aborto e do casamento igualitário no Uruguai; pelas lutas por educação pública e gratuita no Chile e com os movimentos zapatistas no México. A luta por uma educação democrática, marca deste Dossiê Temático, desvela, ainda, as estruturas oferecidas pelas escolas para o acolhimento à diversidade no texto **O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: QUE TERRITÓRIO É ESSE?** Neste, as autoras apresentam um panorama sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no bojo da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e discute a proposta de efetivação das Salas de Recursos Multifuncionais. As autoras afirmam que *não basta que a escola seja “para todos”, mas é necessário que todos possam viver experiências significativas e coletivas que possibilitem a emancipação do pensamento e da formação de todos*.

Em **Experiências Instituintes** temos a tessitura provocativa de quatro instigantes possibilidades de movimentos outros de territorialização, desterritorialização e responsabilidade social no cerne da *práxis* educativa. A análise realizada em **“EU TÔ ASSUSTADO. NÃO QUERO SAIR DA MINHA ESCOLA”. REFLEXÕES SOBRE A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL** revela o quanto os territórios são marcados e distanciados mesmo que fisicamente próximos - marca que se repercute nas sensações, percepções e vozes dos alunos, tantas vezes intimidados e “assustados” frente ao imperativo do



deslocamento e descentramento de suas experiências educativas escolares. No cerne de vivências neste espaço, o artigo **ATIVIDADES PARA O ENSINO DE ONDAS SONORAS AOS ALUNOS SURDOS: UMA PROPOSTA INCLUSIVA** apresenta estratégias que dialogam com a efetivação da garantia do acesso democrático ao conhecimento no contexto da educação básica. O estudo, articulado à ação pedagógica em sala de recursos multifuncionais, põe em perspectiva importantes elementos que indicam a criação de novos rumos no contexto dos processos educacionais inclusivos. No texto **ESCOLAS E UNIVERSIDADE PESQUISANDO A FORMAÇÃO DOCENTE**, a relação universidade-escola é apresentada enquanto território de formação potencialmente emancipatório e desterritorializador de práticas e concepções hegemônicas de produção e hierarquização de saberes, mediante trabalho de Extensão e Pesquisa-Ação Pedagógica. Apontando espaços e territórios sobre a formação docente continuada, o artigo **FORMAÇÃO ONLINE SOBRE DROGAS PARA DOCENTES NA PERSPECTIVA DA REDUÇÃO DE DANOS: O PONTO DE VISTA DOS CURSISTAS** demonstra que os territórios vão se espalhando enquanto espaços de ação que se ampliam via ambientes virtuais de aprendizagem, fomentando-se o enfrentamento de temáticas sociais que têm sido silenciadas e negligenciadas no chão da escola. Nesta experiência, o espaço virtual se repercute em ações docentes nos tempos e espaços físicos das instituições educativas, tecendo tramas que nos provocam novos olhares e concepções.

Na seção **Pulsações e Questões contemporâneas** estão presentes cinco artigos originados de pesquisas de excelente qualidade nas suas elaborações. Abrimos, com o estimulante **REAL E IMAGINÁRIO NO BRINCAR**. As autoras nos convidam a uma reflexão acerca da infância em seus processos intrínsecos, como o brincar, o fantasiar e o estabelecimento da linguagem enquanto mediadores de experiências de aprendizagem necessários à emergência do sujeito. Focando o brincar como processo que contribui com a constituição psíquica e pertencimento ao mundo, os conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Winnicott, Lacan e Levin são entrançados às imagens midiáticas. Nos rastros das reflexões sobre a infância, o artigo **POLÍTICAS DE EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA BAIXADA FLUMINENSE** apresenta alguns resultados da pesquisa que investigou propostas locais de ampliação da obrigatoriedade de oferta de vagas para alunos de 4 e 5 anos, buscaram compreender as soluções municipais para incluir esse grupo de crianças na escola, a partir da entrada em vigor da Lei 12.796/13. A pesquisa revela que a proposta de universalização da pré-escola não garantiu, até 2016, o amplo quantitativo de vagas necessárias e não houve abertura de escolas para atendimento às especificidades dessa fase de desenvolvimento. Buscando pensar sobre articulação entre a educação infantil e a inclusão, as autoras de **O PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE NITERÓI: ENTRE DIAGNÓSTICOS E DIREITOS** também dialogam com as dificuldades de implementação de políticas públicas em cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. No artigo, partem do exame da proposta pedagógica e dos documentos normativos sobre a



educação inclusiva do município e pontuam avanços e retrocessos. Articulado à discussão sobre a educação inclusiva temos o texto **JOGOS PEDAGÓGICOS E A INTERAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DEFICIENTES VISUAIS E VIDENTES** no qual as autoras, baseadas em obra de Vigotski, discutem os limites à participação social e cultural das pessoas com deficiências e propõe a criação de oportunidades educacionais que possibilitem a construção de conhecimentos e inclusão sociocultural de educandos com deficiência. Argumentam que jogos pedagógicos podem favorecer a aprendizagem colaborativa e apresentam a análise de levantamento bibliográfico realizado em bases de dados sobre jogos pedagógicos acessíveis a deficientes visuais com foco na área de Ciências Naturais. Encerrando a seção, temos um artigo que nos conduz à reflexão sobre a estética como um conhecimento histórico que intervém, provoca e considera as percepções sensíveis. Em **NOTAS SOBRE CINEMA E EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO ESTÉTICA NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA** a autora enfatiza a importância dos estudos realizados sobre estética, educação e imagens da arte considerando a reflexão filosófica acerca da realidade histórico-cultural moderna/contemporânea, do conceito e do sentido da formação estética como possibilidade de emancipação humana.

Esse texto nos remete imediatamente à seção de **Homenagem**, em um gesto de adeus à querida **ROSE MATELA**, que nos deixa órfãos de sua presença marcante, de sua militância, de seus potentes escritos e análises acerca de obras cinematográficas, entre tantas outras contribuições sociais. Dedicamos palavras de afeto, admiração e saudades desta educadora militante, que marcou a vida dos que a cercaram enquanto esteve engajada e presente na luta por direitos sociais, buscando realizar seus sonhos por um mundo melhor.

Nosso ensejo é que os leitores deste número se sintam provocados pelas tramas que se tecem no diálogo entre territórios e processos de desterritorialização nos aspectos que entrelaçam a democracia, a educação e a responsabilidade social.

Conselho Editorial

APOIOS



UEPB

